

IVA SVOBODOVÁ

## O VALOR ESTILÍSTICO DO ARTIGO EM LINGUAGEM JORNALÍSTICA

A presente análise faz parte de uma investigação linguística concernente ao problema do uso, valor e função do artigo gramatical na língua portuguesa e não poderia ser escrito sem nos darmos conta de determinados ângulos sob os quais a linguagem pode ser definida e que, na presente análise, serão levados em consideração. Basear-nos-emos sobretudo no princípio de que a linguagem não representa uma entidade uniforme, desdobrando-se não só numa multiplicidade de normas micro-linguísticas (fonéticas e fonológicas, sintáticas, morfológicas, semânticas, etc.) mas também numa série de normas estilísticas que consistem na organização e selecção de palavras correspondentes ao carácter da enunciação e à estratégia de comunicação. Será precisamente esta variabilidade estilística da linguagem que constituirá o principal tema da presente análise, no âmbito da qual nos concentraremos no estudo de valores estilísticos que pode apresentar o artigo gramatical em linguagem jornalística.

O valor estilístico, denominado dentro da terminologia linguística estilema, é, geralmente, definido como a capacidade de uma palavra de expressar, de uma forma marcada, a realidade (chamemos este valor o valor expressivo), mas, pode ser percebido também como um meio linguístico que caracteriza e isola um determinado registo linguístico (em nosso caso tratar-se-á da linguagem jornalística). A fronteira entre as duas concepções do valor estilístico, como veremos em alguns casos, não será univocamente delimitada porque veremos que existem determinados valores expressivos ou estilísticos do artigo que regularmente aparecerão na linguagem jornalística sob determinadas circunstâncias.

Recordemos, no início, as suas funções principais, sobre as quais existem variadas teorias, sendo de relevância, para a nossa análise, as duas seguintes: a classificação das funções do artigo vinculada aos chamados processos de determinação que constituem um dos factores semântico-pragmáticos em „Gramática da Língua Portuguesa“. Trata-se das funções de individuação, atributiva, específica, partitiva, genérica distributiva e não distributiva do artigo que sinaliza e comparticipa na criação do conteúdo semântico completo do substantivo. Chamaremos a esta **função determinativa**. A segunda teoria refere-se à capacidade do artigo

gramatical de entoar o substantivo de matizes expressivos como são a familiaridade, afectividade e sentimento, intensificando a qualidade ou quantidade expressa pelo substantivo. Chamaremos a esta **função expressiva (ou estilística)**, sendo que um dos poucos autores, que se têm dedicado a esta problemática, é Manuel Rodrigues Lapa, que em sua obra „Estilística da língua Portuguesa“ evidencia e descreve uma série de traços estilísticos que o artigo tem a capacidade de revelar. Não obstante, a obra citada não contém uma especificação completa do uso do artigo em diferentes registros linguísticos, motivo que me levou a orientar a nossa análise para um tema tão específico como é o uso do artigo em linguagem jornalística escrita.

Analogamente com a linguagem que não pode ser concebida como uma entidade uniforme, também a linguagem jornalística apresenta uma rica diversidade de géneros; desde a **linguagem de notícias** cuja função é transmitir informações puramente objectivas sobre os acontecimentos e factos actuais, até a linguagem dos **textos de opinião** cuja função é comentar, criticar e analisar os acontecimentos o que implica o uso de expressões subjectivas do autor. Tal variedade de textos jornalísticos será essencial para o objectivo da nossa análise: da observação do comportamento do artigo na linguagem de notícias que é próxima da linguagem científica por carecer de expressões emotivas, hiperbólicas, laudativas ou vulgares, passaremos a estudar as peculiaridades que o artigo gramatical releva nos textos jornalísticos de opinião: crónicas, cartas ao director, opiniões públicas, coloridas por expressões de avaliação, metáforas, alegorias e um tom ligeiramente coloquial.

Outro ponto de partida em que se baseará a nossa análise será a organização vertical (gráfica) e horizontal (hierarquização das informações transmitidas) do texto escrito. No âmbito da organização vertical do texto será considerada a colocação do foco informacional e do foco contrastivo e a sua influência no uso do artigo. A maior parte da nossa análise será dedicada, não obstante, ao uso do artigo em diferentes partes da estrutura gráfica do texto (hierarquização horizontal): títulos, antetítulos, subtítulos e leads já que é um factor que exerce uma importante influência no uso do artigo.

Resumindo, o objectivo da nossa análise será descrever e explicar não só as regularidades do uso do artigo em linguagem jornalística, mas também tentar destacar aquelas assimetrias e peculiaridades que o artigo apresenta dentro dela. O material linguístico escolhido incluirá textos jornalísticos de vários géneros jornalísticos. Os factores levados em consideração durante a nossa investigação serão os seguintes:

- a) Hierarquização horizontal e vertical do texto
- b) Género jornalístico do texto analisado
- c) Função sintáctica e classificação semântica dos substantivos acompanhados pelo artigo

Abordando o tema do uso do artigo nos títulos jornalísticos, levaremos em consideração dois factores relevantes: 1. o factor semântico e sintáctico dos substantivos que constituem o título e 2. o género do texto jornalístico introduzido

pelo título analisado que pode determinar o uso do artigo definido, indefinido ou zero. Analisaremos a possível diferença existente entre o uso do artigo nos títulos que introduzem os **géneros de banca** (notícias, sínteses) e os **de opinião** (editoriais, bilhetes, crónicas, artigos de análise, críticas e cartas).

Comparemos, por exemplo, os seguintes títulos jornalísticos que introduzem os títulos de diferentes textos de notícias:

<i>Testemunha preocupa médicos</i>	<i>Correio da Manhã</i> , 14-8-2005
<i>Médico segura coração de bebé</i>	<i>Correio da Manhã</i> , 14-8-2005
<i>Grécia: Avião cipriota despenha-se com 121 pessoas a bordo</i>	<i>Público</i> , 30-7-2005
<i>Operação „Ida e volta”: seis mortos e 22 feridos graves...;</i>	<i>Público</i> , 30-7-2005
<i>Trabalhadores despedidos serão readmitidos</i>	<i>Diário de Notícias</i> , 14-8-05

Repare-se, em primeiro lugar, que os substantivos: *médico*, *coração*, *avião*, *operação*, *trabalhadores* representam indivíduos ou objectos concretos, situação, em que costumam ser, num discurso comum, acompanhados por artigo que participa nos processos da determinação de individuação ou de especificação. Não obstante, as regras concernentes ao uso do artigo nos títulos jornalísticos exigem o uso do artigo zero sem ser levado em consideração o factor da classificação semântica de substantivos. É este um primeiro traço estilístico que o artigo apresenta na linguagem jornalística, ou seja, um estilema isolado que caracteriza e isola um determinado tipo de linguagem. Não se entenda, neste caso, o estilema como a capacidade de o artigo zero de expressar, de um modo expressivo e marcado, uma realidade mas perceba-se apenas como a regularidade do uso do artigo zero que caracteriza os títulos jornalísticos com um sentido semântico absolutamente vazio.

É de realçar que o factor da função sintáctica do substantivo está também posto aparte, como podemos registar nos títulos onde os substantivos em funções de sujeito, complemento directo e complemento adverbial carecem do artigo:

a) sujeito

(*Público*, 30-07-05)

***EUA tentaram impedir saída de artigo sobre bioterrorismo***

***Canadá aprovou casamentos entre pessoas do mesmo sexo***

***Marrocos leva a tribunal a porta voz do mais poderoso movimento islamista***

***Bélgica culpa dois ruandeses de genocídio***

***Taliban reivindicam ataque contra helicóptero militar norte-amerivano no Afeganistão***

***SEF contra nova lei da nacionalidade (Serviço de Estrangeiros e fronteiras)***  
(*Correio da manhã* 14-8-2005)

***Papa quer reforçar igreja***

***Santuário pede decência***

Repare-se que os substantivos em letras gordas são acompanhados por artigo omitido, inclusive no caso de se tratar de topónimos, nomes de países, nomes de instituições, partidos políticos, organizações e cargos desempenhados por pessoas concretas.

b) complemento directo

Também os substantivos em função do objecto (complemento) directo são acompanhados pelo artigo zero, apesar de serem usados, dentro do texto próprio encabeçado pelo título analisado, com o artigo definido. Repare-se que o factor da classificação semântica está, novamente, posto aparte.

Título: *Presidente da ERS poderá apresentar **demissão***

Texto: *O presidente da Entidade Reguladora da Saúde (ERS), Rui Nunes, deverá **apresentar a demissão** a partir de hoje, findo o prazo dado...*  
(Público; 30-07-2005)

Título: *Liedson apresenta-se e **abre porta** à renovação do contrato o melhor marcador da Super Liga*

Texto: *...mostrou-se confiante ... e **abriu a porta** à renovação de contrato com os „leões”*  
(Público; 30-07-2005)

Este facto prova, mais uma vez e mais intensamente, a existência do valor estilístico do artigo zero em linguagem jornalística, não do ponto de vista da capacidade de exprimir uma realidade de um modo expressivo (sendo a significação semântica do artigo zero absolutamente vazia), **mas do ponto de vista de ser a unidade mínima que permite identificar e isolar em determinado estilo** (no nosso caso trata-se da técnica e do estilo de formação de títulos).

c) adjunto adverbial

Uma regularidade do uso do artigo zero pode ser verificada também na função dos adjuntos adverbiais iniciados, sobretudo, com as preposições *contra*, *sobre*, *em* e *por*. Esta regularidade é característica não só para os títulos mas também para os leads e para o próprio texto:

Público, 30-06-2005

*Taliban reivindicam ataque **contra helicóptero** militar norte-americano.*

*Sampaio **contra invocação** do seu pensamento*

*Relatório **sobre incêndio** de Mortágua apresentado „dentro de dias*

*Açores Detido **por abusos** sexuais*

*Mortandade de peixes no rio Lis causado **por poluição orgânica***

Repare-se, que o artigo zero pode apresentar diferentes valores semânticos, desde um valor semântico absolutamente vazio que faz parte dos títulos jornalísticos até um valor matizado sentimental, pejorativa ou admirativamente. Vejamos

os seguintes casos em que figuram substantivos abstractos com o artigo zero que participa na intensificação da qualidade do substantivo: os exemplos citados não são tirados dos jornais mas. São usados aqui para exemplificarem o autêntico valor estilístico do artigo zero:

*-A morte é **conversa de velhos**...* (Bernardo Santareno, O Duelo, pg. 92)

*...não se cansava ele de te chamuscar os ouvidos **com choradeiras, promesas**... e mais isto e mais aquilo....* (Agustina Bessa Luís, O Mosteiro, pg. 30)

*Só pensam em **sexo e porcaria** ...* (CD, Português falado, A Juventude ontem e hoje)

*Pois é, eu gosto da minha Mari Clara assim: é **lume brando, candeia de azeite**... , **lume de igreja, lamparina de alumiar os mortos**...*

(Bernardo Santareno, O Duelo, pg. 125)

Comparativamente com os títulos jornalísticos, são estes os casos onde. „...o substantivo sem artigo faz menção mais da qualidade que do objecto, tem dentro dele uma função de adjectivo, pois que compete sobretudo ao adjectivo a determinação do estado e da qualidade...a ausência do morfema comunica à expressão certo tom entusiástico e admirativo, dá-lhe um timbre levemente sentimental ..” (M. Lapa, 117).

Ao contrário dos títulos de notícias e comunicados, verificamos um uso diferente nos leads, onde o artigo pode figurar com os substantivos em todas as suas funções sintácticas. Este facto pode ser explicado pelas regras da linguagem jornalística que definem os títulos de notícias como títulos concretos, eminentemente informativos, curtos e concisos, o que abre a porta a violências gramaticais como a omissão de algumas partículas, entre as quais se encontra o artigo. Por outro lado, os leads são mais longos por conterem mais informações, sendo o objectivo principal destes incentivar a curiosidade do leitor apelando à leitura do texto. Os leads que iniciam as notícias, têm, conseqüentemente, um maior espaço para o uso de artigo, sendo a sua principal função a função determinativa. O valor expressivo do artigo gramatical raramente aparece tanto nos títulos de notícias e comunicados como dentro do texto, já que uma das regras concernentes à ética do jornalista consiste em transmitir a informação ao leitor, o mais objectivamente possível. Apesar de o uso do artigo nos leads ser muito mais frequente que nos títulos, verificamos que existe uma certa assimetria relativamente a esta questão. Vejamos os seguintes exemplos, onde figuram nomes idênticos tanto do ponto de vista da função sintáctica como do ponto de vista do domínio público:

Título: *Taliban reivindicam ataque contra helicóptero militar norte-americano no Afeganistão*

Lead: ***Exército dos EUS*** admite que „fogo hostil fez cair o aparelho; não há sobreviventes entre 17 pessoas a bordo. (Público, 30-7-2005)

Compare-se com:

Título: *EUA anunciam fim da operação „Punho de Ferro“*

Lead: ***O exército dos EUA*** anunciou ontem o fim de uma das suas quatro ofensivas no Oeste do Iraque... (Público, 30-7-2005)

Uma outra peculiaridade que o artigo apresenta no âmbito da linguagem dos títulos jornalísticos, é a de poder figurar tanto no título como no lead, como é evidente no seguinte caso.

Título: ***O braço-de-ferro*** entre o Governo e os seus deputados

Subtítulo: ***A resistência*** nunca foi declaradamente aberta, mas socialistas não pararam enquanto não encontraram uma solução de recurso para a proposta (Público, 30-7-2005)

Repare-se que o *denotatum* dos dois substantivos em função do sujeito é idêntico e que existe, entre os dois substantivos, uma relação de metonímia.

Uma especial atenção merecem os títulos que encabeçam os editoriais, bilhetes, crónicas, artigos de análise, críticas e cartas, que representam o género jornalístico de opinião e que são caracterizados pelo uso de expressões subjectivas, sendo neles o uso do artigo com um valor tanto determinativo como expressivo muito mais comum. Vejamos os seguintes exemplos que representam títulos de textos de opinião pública:

*Correio da Manhã*, 29-08-2005:

***O criador e as pobres criaturas***

***O milagre das cegonhas***

*Jornal de Notícias*, 29-08-2005:

***Sentir o prazer de outras águas***

*Público*, 30-07-05:

***Um „discurso que não muda nada“***

***Um „britânico não tem de mostrar papéis“***

Observe-se que logo nos títulos reconhecemos que o objectivo do autor do texto não será apenas transmitir ao leitor uma pura informação mas expressar e visualizar, por meio dela, uma opinião subjectiva sua acerca do tema tratado. O objectivo deste tipo de textos jornalísticos é reflectir sobre a informação, recordar a importância duma pessoa ou de um fenómeno, sendo o artigo capaz de intensificar e compartilhar na criação do seu significado, tanto positivo como negativo logo no título.

Voltando à esta significação semântica do artigo zero predominante em linguagem jornalística consiste na sua interpretação partitiva ou genérica. Não obstante, estas funções do artigo podem apresentar diversos usos do artigo. Definamos, nos seguintes dois parágrafos, a função do artigo como função determinativa, já que não contêm nenhuns semas expressivos apontando só para uma extracção partitiva ou totalitária de uma parte de um determinado conjunto-base.

1. A função partitiva do artigo consiste no facto de o substantivo denotar uma quantidade indefinida. Manuel Rodrigues Lapa explica esta função com base na comparação das duas orações seguintes: 1. *F.ensina modernos processos de leitura* que pode ser interpretada como *F.ensina alguns processos de leitura* (ou seja, um conjunto indefinido ou alguns dos processos modernos de leitura – função partitiva). *F.ensina os modernos processos de leitura* onde encontramos um sentido de totalidade, de conjunto definido, expresso pelo artigo definido.

2. O artigo zero pode atribuir ao substantivo um **sentido genérico** do substantivo, realçando a qualidade e característica do referente representado pelo substantivo. O valor genérico do artigo zero é evidente, por exemplo, na frase seguinte: *Homem não é o mesmo que dizer herói nem santo* (M.R. Lapa,.115). Nesta frase é a qualidade do homem que capta a atenção do leitor, perceba-se: *As fraquezas do homem nem sempre fazem dele um herói ou um santo*. O valor genérico pode ser também expresso pelo artigo definido utilizado numa frase como: *O homem é mortal*. Comparativamente com a frase anterior, não obstante, o valor genérico remete mais para a quantidade do que para a qualidade, pelo que a frase podia ser substituída por: *Todos os homens são mortais*.

Não obstante, o artigo zero pode apresentar um valor genérico implicando, ao mesmo tempo, um significado de sentimentalidade que realça a qualidade e característica de um objecto ou de uma pessoa representada pelo nome. Omitindo o artigo, consegue-se uma expressão concisa, enérgica e dramática. Este facto vê-se melhor em orações exclamativas para as quais é típica a omissão do artigo nos sintagmas nominais o que leva à expressão de uma admiração, euforia, dor, etc. *Linda flor! Bela flor! Triste vida!*

Voltando às regularidades que o artigo zero apresenta na linguagem jornalística, reparemos que existe uma forte função estilística do artigo nas seguintes frases em que os substantivos são acompanhados pelo determinante zero cujo sentido ou pode ser genérico (nas primeiras duas frases) ou partitivo (nas últimas duas frases):

1. *Em Israel, longas filas de automóveis ficaram paralisadas à hora de ponta graças aos protestos dos colonos e outros opositores da retirada...*

(Público 30-06-2005)

2. *Raptos de ocidentais, tiroteio sobre a Cruz Vermelha, lutas entre facções. É a sirene da síndrome Bagdad em Gaza.*

(Público 17-08-05)

3. *Música, humanismo e política numa grande encenação do que é a música*

*rock para multidões na sociedade da comunicação. Ao longo de mais de duas horas de concerto, os U2 foram grandes, no dia em que se disseram portugueses*  
(Público 17-08-05)

4. *Faixa de Gaza: Tensão e lágrimas nas primeiras horas da evacuação dos colonatos...*  
(Público 15-08-2005)

Cada uma das funções do artigo, seja partitiva seja genérica, são estreitamente vinculadas com o valor expressivo do substantivo, o qual é tanto mais intenso quanto mais atípica é a posição em que se encontra. Como vemos nos casos citados acima, o artigo zero faz em todos os quatro casos parte de um sintagma nominal em função do sujeito que representa o foco informacional da oração. Este é um caso, que apresenta uma evidente assimetria em português contemporâneo por duas razões. Primeiro, o foco informacional costuma ser colocado na periferia direita do verbo e segundo, uma informação nova devia ser introduzida no discurso por um artigo indefinido. Infira-se que tal assimetria que consiste na colocação do foco informacional no início da oração e no uso do artigo zero apresenta, como todas as assimetrias existentes em línguas naturais, um meio expressivo introduzindo, num tom dinâmico e dramático, a descrição da atmosfera e das circunstâncias em que ocorreu um acontecimento.

Resumamos as características semânticas do artigo zero que temos apresentado até agora: trata-se da significação semântica absolutamente vazia, opostamente à qual encontramos uma forte significação expressiva. Falta realçar que o artigo zero pode ter ainda um carácter neutro, que perceberemos melhor caso ponhamos em relação de dicotomia o artigo zero e o artigo indefinido. Razão, pela qual utilizamos no título o termo de neutralidade consiste precisamente no facto de o artigo indefinido exprimir em caso de substituição, subjectividade e sentimento e de atribuir à oração uma maior intensidade e energia, enquanto o artigo zero, em construções idênticas, exprime uma significação neutra sendo que o artigo indefinido.

1. *a Guarda Nacional é tutelada pelas autoridades estaduais e pode exercer acções de policiamento, ao contrário dos militares regulares, que estão proibidos por lei de impor a ordem pública em espaço civil*  
(Correio da Manhã; 04-09-2005)

2. *...Emídio Guerreiro herdou a vocação do avô paterno ... que com um sorriso, quase riso definido como „o homem dos sete instrumentos: músico, alfaiate, tannaqueiro, factor dos correios, lavrador de courela...“*  
(Público, 30-06-2005).

Infira-se, com base no que foi escrito sobre os géneros jornalísticos, que para os textos de notícias e comunicados será típico o uso do artigo zero na oração o que podia ser, talvez, explicado pela ética do jornalista de transmitir objecti-



vamente a informação ao leitor. Ao mesmo tempo, o valor expressivo do artigo indefinido surgirá com maior frequência em textos de opinião, reportagens, crónicas e outros géneros de opinião.

M. Rodrigues Lapa reflecte sobre a relação de dicotomia (neutralidade x subjectividade) do uso do artigo indefinido e zero com os nomes acompanhados de atributos (pág. 124): „*Este emprego variado e subtil do artigo indefinido tem-se estendido irregularmente a outros casos, não autorizados pelos puristas que, sempre com os olhos nos Clássicos, desejariam ver a língua no estado em que a deixaram um António Vieira ou um Manuel Bernardes. Um Clássico escreveria assim: „Pareceu-me aquilo sinal de pesar“. Nós introduzimos hoje mais energia na frase, dizendo, com o artigo: “Pareceu-me aquilo **um** sinal de pesar“. Mas ainda há hoje escritores que, levados por um exagerado conceito do purismo, mantêm o uso clássico da língua, tomados da verdadeira fobia pelo artigo indefinido.*“

Relativamente às funções do artigo indefinido no estilo jornalístico, será conveniente compararmos os sentidos e os valores do artigo indefinido nas seguintes orações:

1. *...um dos troços do IP4, itinerário que liga o Porto a Bragança, tem curvas que não cumprem as normas de segurança por serem muito apertadas, próximas uma das outras e com **uma velocidade máxima permitida muito elevada**...*

(Público; 30-06-2005)

2. ***Num tom sóbrio e linguagem simples**, o Presidente assinalou os feitos militares e políticos que encorajam a Administração...*

(Público; 30-06-2005)

3. *Bush fez **um emocionado apelo** à paciência dos americanos, numa altura e que as sondagens revelam **um crescente descontentamento nacional** com a forma como a Administração está a conduzir a intervenção no território. ...*

(Público; 30-06-2005)

Enquanto, na primeira oração o artigo indefinido sinaliza uma ideia de proximidade, no segundo e no terceiro período a sua função é descrever o nome e introduzi-lo no subconsciente do leitor sendo, no terceiro caso, reforçada, num tom emotivo, a qualidade do adjectivo, intensificada pela sua anteposição ao substantivo, expressão estilística típica não só para os textos de opinião mas sim, também para os textos de notícias.

Comparemos as seguintes frases, onde nos primeiros dois casos a função do artigo indefinido será determinativa, consistindo numa extracção de uma parte de um conjunto-base sem nenhum especial valor estilístico, e onde nas últimas duas frases, será evidente uma forte entoação expressiva:

a) função genérica ou de quantificação universal

*As autoridades norte-americanas também formalizaram hoje um pedido de ajuda ao Canadá, solicitando camas, cobertores, medicamentos e equipas es-*

*pecializadas em salvamento marítimo, capazes de operar **numa cidade inundada**.*  
(Correio da Manhã, 04-09-2005)

b) função intensional, quando o substantivo não estabelece nenhum referente  
*A Administração do presidente George W. Bush iniciou hoje o contra-ataque pela conquista de **uma opinião pública favorável**.*

(Correio da Manhã, 04-09-2006)

c) função extensional, quando o substantivo estabelece um referente que constitui uma parte não identificada de um determinado conjunto considerado (no seguinte exemplo do conjunto-base decréscimo)

*Já as drogas sintéticas, como as anfetaminas e o ecstasy, sofreram **um decréscimo**...*  
(Correio da Manhã, 04-09-2006)

d) função partitiva que consiste na extracção de uma parte singular, não definida, de um dado conjunto:

*Três fotógrafos andaram por Portugal em 2004 para suprir uma lacuna de dez anos na Magnum, que não tinha imagens do país a partir de 1995. **Um deles** foi Josef Koudelka, **um dos mais reputados** fotojornalistas do mundo*

(Público, 30-06-2005)

e) função expressiva.

*Bush fez **um emocionado apelo** à paciência dos americanos, numa altura e que as sondagens revelam **um crescente descontentamento nacional** com a forma como a Administração está a conduzir a intervenção no território. ...*

(Público, 30-06-2005)

f) função expressiva com o nome próprio

*De tudo isto, é o ataque brutal de Chirac o mais grave, mesmo **com um Chirac no fim da sua carreira** e à procura de bodes expiatórios.*

(Público, 30-06-2005)

Realcemos que os últimos dois casos são idênticos, mostrando o artigo indefinido uma forte significação expressiva. Manuel Rodrigues Lapa considera o artigo indefinido como um meio que atribui à frase um sentido de inexactidão, enigma, ideia vaga, ou seja fenómenos vinculados com a apreensão intensa e sentimental da realidade. A aplicação do artigo com este valor emotivo pode surgir igualmente nos títulos que introduzem textos de opinião:

*“O adeus de **um homem de barricadas**”* (Público, 30-06-2005),

O título encabeça uma reportagem sobre Emídio Guerreira, um guerrilheiro que lutou por democracia. Não se trata, portanto de uma pura notícia, mas sim, de um relato autobiográfico com uma série de expressões emotivamente entoadas.

Um caso semelhante ocorre no seguinte título jornalístico que introduz um texto de opinião:

***Um** “britânico não tem de mostrar papéis”* (Público, 30-06-2005),  
que encabeça uma crónica em que o autor trata da não obrigação dos britâ-

nicos de apresentar bilhetes de identidade a pedido da polícia enquanto que os portugueses têm tal obrigação. O artigo indefinido além de apresentar um valor genérico, entoa a frase de forte expressividade acentuando, por meio do artigo indefinido, um carácter qualitativo de todos os britânicos.

Em títulos de notícias, além do artigo indefinido e do artigo zero, verificámos também a existência do artigo definido. O seu uso, não obstante, é reservado exclusivamente para referir assuntos já conhecidos do público ou para indicar implicitamente exaustividade. Limitar-nos-emos, na última parte da nossa análise, a demonstrar aquelas assimetrias que o artigo apresenta relativamente ao que já foi dito nos capítulos anteriores da nossa análise.

Apesar de ter tido dito que nos títulos de notícias são violadas as regras gramaticais que consistem na omissão de artigo em funções sintácticas onde o artigo deveria figurar como determinante, há casos onde o artigo definido é utilizado, indicando exaustivamente todo um dado conjunto-base do substantivo ou transmitindo informação que já é do domínio público: Comparemos os seguintes exemplos:

*“Foi desconvocada a greve da CP que ontem instalou o caos nos acessos à cidade de Lisboa* (www.bocc.ubi.pt)

onde *a greve* já é do domínio público, sendo o foco informacional não *a greve*, mas o facto de ela ter terminado.

*“As viagens-fantasma dos deputados”* (www.bocc.ubi.pt)

é um título que indica que o jornal falará exaustivamente de todas as viagens-fantasma que se apurou terem os deputados feito.

Comparativamente com o artigo indefinido, o artigo definido nunca se utiliza junto de nomes próprios, por duas ordens de razões: se o jornalista de facto conhece intimamente a personagem, está a excluir deliberadamente o leitor; se não o conhece e se lhe refere dessa forma, é bacoco, ora um dos primeiros deveres do jornalista é apagar-se deliberadamente do acontecimento.

Verificámos ainda o uso do artigo definido com o substantivo em casos em que se trata de um cargo concreto desempenhado por uma pessoa concreta ou em títulos mais longos:

*Marrocos leva a Tribunal a porta-voz do mais poderoso movimento islamista Naia Yassine, filha do xeque que lidera o grupo Justiça e Beneficência, é acusada de „atendendo à monarquia* (Público, 30-06-05)

Há tendências para utilizar o artigo definido também com os nomes de certas instituições, tais como são, por exemplo: *O Governo*, *o Tribunal*, e com certos termos económicos, como por exemplo *o défice*:

*Recondução já vinha do Governo PSD* (Correio da Manhã, 07-09-2005)  
*Granja pondera processar o Estado* (Correio da Manhã, 07-09-2005)

*Advogado de Silvino pediu ao tribunal que autorize jornalistas a ouvir vítimas* (Público, 30-06-2005)  
*Bispos dizem que combate ao défice ameaça „penalizar“ os mais sacrificados;* (Público, 30-06-2005)

Existe também, certa instabilidade no uso do artigo em funções outras que não de sujeito. Verificámos que os nomes de países podem aparecer com o artigo definido, especialmente em função sintáctica do adjunto adverbial:

*Taliban reivindicam ataques contra helicóptero militar norte-americano no Afeganistão*  
*Furacão leva morte aos Estados Unidos* (Correio da Manhã, 27-08-2005)  
*Norte-americano libertado no Iraque* (Correio da Manhã, 27-08-2005)  
*Portugal só pensa na vitória frente à Rússia* (Correio da Manhã, 27-08-2005)  
*Couto ruma ao Parma* (Correio da Manhã, 27-08-2005)

A presente análise prova que a problemática do uso do artigo deve ser encarada desde vários ângulos de vista. O objectivo desta análise foi esquematizar as regularidades que apresenta o uso do artigo em diferentes planos linguísticos e buscar os pontos de intersecção de três conjuntos ou planos linguísticos: estilístico, sintáctico e semântico-pragmático; pontos de intersecção que poderiam caracterizar o uso do artigo numa linguagem concreta, em determinadas funções sintácticas de nomes que pertencem a diferentes classes semânticas.

As anomalias e irregularidades que o artigo apresenta em ditos planos linguísticos são devidas, em grande parte, ao facto de este conter diversos valores estilísticos e determinativos, contribuindo à expressão mais ou menos intensificada das qualidades positivas e negativas do nome atribuindo ao discurso diferentes matizes semânticos. Na multifacetada linguagem jornalística verificámos a tendência a eliminar o uso do valor expressivo do artigo nos textos de notícias sendo que nos textos de opinião pública a diversidade estilística do artigo resulta mais evidente, facto que prova a existência de uma relação directa entre o género jornalístico e o uso do valor expressivo.

Realçámos na presente análise, especialmente, a interpretação semântica do artigo zero cujo uso é típico para a linguagem jornalística encarando-a também do ponto de vista da relação binária existente entre o artigo zero e indefinido. O presente estudo vê-se limitado por ser realçada significativamente a hierarquização vertical do texto jornalístico, facto, que nos incentivará a aprofundar, no futuro, o estudo do artigo em linguagem jornalística dentro dos próprios textos jornalísticos.

## Bibliografia

- Manuel Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*, 11a edição Coimbra Editora Ltda., 1984  
 Mauro Wolf, *Teorias da Comunicação*, 8a edição, Editorial Presença, Lisboa 2003

Marie Čechová, Jan Chloupek, *Stylistika současné češtiny*, Institut sociálních vztahů, Praha 1997  
Jaroslav Bartošek, *Žurnalistika – úvod do studia*, Středisko distančního vzdělávání FFUP, Olomouc 1997

Maria Helena Mira Mateus, *Gramática da Língua Portuguesa*, 4a edição, CAMINHO, 1989  
*Akta – XXI Encontro da Associação Portuguesa da Linguística*, 2005, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Peso fonológico e foco informacional no sujeito em PE, pg. 6

Bernardo Santareno, *O Duelo*, Ática, Rio de Janeiro 1974

Agustina Bessa-Luís, *O Mosteiro*, Guimarães Editores, Lisboa 1995

[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) (manual de jornalismo)

[www.publico.clix.pt](http://www.publico.clix.pt)

CD – Documentos Autênticos do Português Falado, Gravações audio com transcrição alinhada, Instituto Camões, Centro de linguística da Universidade de Lisboa

